

COMUNICAÇÃO E MÍDIA: OUTRAS PRÁTICAS DE CIDADANIA

COMMUNICATION AND MEDIA:
OTHER PRACTICES OF CITIZENSHIP

CHRISTINA MARIA PEDRAZZA SEGA

Pós-doutora em Física: caos, fractais e complexidade (estudo transdisciplinar entre a Física e a Comunicação). Unesp - Botucatu -SP.
Doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa - PT.
Mestrado em Letras - área de concentração - Linguística Aplicada pela PUC.
Bacharelado em Publicidade e Propaganda pela PUC e licenciatura em Letras pela UNESP. Professora da Universidade de Brasília (UnB)

RESUMO

O exercício da cidadania é tão antigo quanto às regras sociais praticadas nas cidades gregas do passado. Os gregos criaram o ideal de viver em comunidade por meio das virtudes humanas e por meio da comunicação que, por sua vez, além de outros objetivos, deverá pôr em prática a cidadania, reconhecendo as necessidades, dificuldades e anseios dos outros cidadãos a fim de prevalecer o bem-estar coletivo.

Palavras-chave: cidadania; comunicação; virtudes; bem-estar; coletividade.

ABSTRACT

The exercise of citizenship is as old as the social rules applied in the Greek cities of the past. The Greeks created the ideal of community life through the human virtues and through communication which, in turn, among other objectives, could pursue citizenship, recognizing the needs, problems and concerns of other citizens to precedence to the collective welfare.

Keyword: citizenship, communication, virtues; welfare; collectivity.

Introdução

A questão da cidadania vem ocupando as mesas de discussões sobre políticas educativas no Brasil e nos países em desenvolvimento. Embora a retomada desse assunto esteja em voga, muitos de nós esquecemos que esse exercício é tão antigo quanto

aos que faziam parte das regras das cidades gregas, denominadas pólis. Tais sociedades foram construídas tendo como base o **estilo gregário**, ou seja, **viver agregado**. Daí o sentido da palavra agregar como sinônimo de ajuntar. E, para viverem agregados, criaram o ideal de viver em **comunidade** e em **comunicação**. Pode-se no

tar que a cidadania é resultado de uma **prática da comunicação** ou de uma **ação comunicacional**. A comunicação deve, além de outras funções, cumprir com o exercício de cidadania.

Apesar de as regras sociais gregas terem sido diferentes para homens, mulheres e crianças, os gregos fundaram a **democracia** como forma de liberdade, usufruto de direitos e organização na vida social. Ser um cidadão grego significava respeitar as regras sociais entre direitos, deveres e obrigações. Porém, com a ascensão da burguesia, a partir do século XI, a antiga convivência cordata, participativa e coletiva que havia entre os cidadãos da *pólis* sofreu várias transformações. Durante os séculos XII e XIII houve “um forte surto de individualização reforçado pela mobilidade e pela tendência expansionista da sociedade”, justifica Elias (1990, p. 59).

Com o despontar do capitalismo frente à crescente burguesia mundial, ocorreram duas situações distintas para o exercício da cidadania, conforme constatou Covre (2005, p. 21-31). A primeira situação diz respeito ao lado positivo da ascensão da burguesia e do capitalismo, pois surgem, nas cidades, os cidadãos que trabalham, comercializam e cumprem com seus direitos e deveres. A partir daí, há uma grande valorização do trabalho como forma de legitimar a cidadania “propondo igualdade formal para todos”, aponta Covre (Ibid., p.20), acrescentando que

foi só com o desenvolvimento da sociedade capitalista

(cujo início podemos situar no século XV), com a longa ascensão da burguesia em luta contra o feudalismo, que se retorna pouco a pouco ao exercício da cidadania, como parte da existência dos homens vivendo novamente em núcleos urbanos (COVRE, 2005, p.17).

A segunda situação mostra o lado negativo da proliferação do capitalismo e da burguesia para a prática da cidadania, pois “delimita-se o processo de exploração e dominação do capital”, justifica Covre (Ibid., p.20).

Considerando a Grécia como ponto de partida para estudar a estrutura de uma sociedade ou *oikos* e o exercício de cidadania, não se pode negar que entre algumas práticas de cidadania estava pôr em ação aquilo que os gregos e nós denominamos de **virtudes**. Bennett (1995) acredita na importância de buscarmos as virtudes e ensiná-las às gerações presentes e futuras. No século IV, Aristóteles definiu a **virtude como a predisposição para alguém fazer o bem a outra pessoa** por meio de ações fundamentais como a justiça, temperança, generosidade e honestidade, entre outras. Todas têm seu valor e significado, mas, hoje em dia, essas virtudes são as que mais nos faltam para desempenharmos aquele ideal gregário de comunidade e sociedade visando à prática de cidadania.

Montes (2001) alega que, na Grécia, a **liberdade** era o grande diferenciador na convivência das relações sociais. Ser um cidadão e, portanto, viver na *pólis* era um exercício de **liberdade**,

visto que a **política**, como forma de organização social de uma cidade, buscava na **liberdade** do cidadão a boa convivência nas relações sociais para o bem-estar do *oikos* ou sociedade. A **política** ou **organização da pólis** ditava as regras da convivência social e nesta encontravam-se as **quatro virtudes básicas do oikos**: a prudência, a temperança, a coragem e a justiça.

É na constante busca ou resgate de algumas virtudes que a **comunicação, verbal e não-verbal**, pode e deve ser o mais sensato **instrumento de cidadania**. Para tanto, é necessário que apliquemos, no dia-a-dia, a trilogia do *ethos-pathos-logos*, com a finalidade de reconhecermos as necessidades, dificuldades e anseios do outro cidadão.

Empatia e cidadania

Quando tentamos interagir com alguém, mostramos a essa pessoa nosso *ethos*, ou seja, nossos princípios, costumes, gestos, idiosincrasias e outras características que fazem parte do ser humano. Mas é no *pathos* que se evidencia a empatia. De origem grega, a empatia (*en*= dentro + *pathos*= sentimento) significa o **sentimento que alguém tem ao colocar-se no lugar de outra pessoa**, embora muitas vezes essa palavra seja confundida com “resultado positivo”. O *logos* é o juízo ou conclusão a respeito da relação e interação entre *ethos* e *pathos*.

É comum se ouvir a seguinte expressão: “aquele cantor teve empatia com o público”. Na

verdade, a empatia é a primeira etapa nas relações sociais para se obter a **simpatia**. Ao colocar-se na situação do público e compreender o que esse público espera do referido cantor, este, por sua vez, poderá satisfazer a expectativa do seu público, criando uma empatia positiva, ou seja, uma atitude simpática. Caso contrário, se a empatia for negativa e o cantor não interagir com o público poderá ocorrer a **antipatia** do público para com o cantor.

A empatia de um cidadão para com o outro se dá no momento em que o primeiro se coloca na situação do outro ou dos outros e entende as suas reais necessidades e anseios, tanto em uma situação presente como em uma situação futura. Colocar em prática as virtudes humanas é uma forma de se criar empatia com um indivíduo, um grupo de pessoas, uma comunidade e até mesmo com uma sociedade representativa de um povo.

Cidadania e comunicação no século XXI

Em cada época e em cada cultura algumas virtudes são mais valorizadas que outras, de acordo com as transformações sociais. Se as quatro virtudes básicas, consideradas cardeais, prevaleceram durante séculos, e se as virtudes têm que se adequar a cada época ou cultura, entende-se que essas virtudes básicas ou cardeais ainda são necessárias para o século XXI, além de outras como: **paciência, tolerância, respeito, cooperação, consenso**; além da **generosidade** ou **solidariedade**

já citadas por outros estudiosos das virtudes.

Outros citam a **coragem** como uma das virtudes básicas. Lembremos aqui, que a coragem é uma faca de dois gumes. Com ela podemos nos defender e defendermos o outro cidadão; mas com ela também ferimos ou matamos para defender nossa tão proclamada honra, dignidade ou vida material. Usarmos a coragem em prol do outro é um gesto nobre, principalmente quando temos coragem para denunciar um seqüestro, um estupro, um roubo ou qualquer outro ato reprovável à ética e ao bem-estar de uma sociedade. Mais uma vez, a comunicação verbal, apoiada pela mídia, exerce sua ação de cidadania e ética ao ter coragem de denunciar, mesmo que de forma sigilosa, algo que contrarie as regras desse bem-estar social, ainda que seja um bem-estar individual, visando posteriormente um bem-estar coletivo. Exercer a ética é exercer cidadania apoiada por qualquer tipo de comunicação, verbal, não-verbal ou midiática.

Ao analisar a ética, Morin (2005) classificou-a em dois tipos: **ética egoísta** e **ética altruísta**. O autor argumenta que existem contradições éticas e que o problema ético surge quando dois deveres antagônicos se impõem. Alega que a ética é egoísta visando uma direção altruísta. Se lembrarmos as recomendações da comissão de bordo, assim que sentamos em um avião, veremos que Morin (2005, p.21) está com razão. Esta é uma das recomendações que ouvimos em caso de emergência no avião: “Caso esteja ao lado de uma criança, coloque a máscara

de oxigênio primeiro em você e depois na criança”. Pois a criança não saberá fazê-lo e, mesmo que o saiba, precisará de um adulto para tomar outras decisões vitais para ambos naquele momento, analisa Sêga (2006, p. 141). Colocar-se no lugar do outro, é uma forma de exercer a cidadania e compreender a trilogia *ethos-pathos-logos*.

A **comunicação verbal e não-verbal**, como também, os meios de comunicação de massa são instrumentos facilitadores para conscientizar crianças, jovens e adultos na prática de atitudes concretas para o bem-estar da coletividade em geral. Algumas políticas e modelos de educação no Brasil estão voltados para o ensino e a prática da cidadania entre professores, alunos e a comunidade em que vivem, tanto em escolas públicas como privadas. Conscientes dos problemas ambientais, as políticas de educação aliam-se às políticas de comunicação para, em conjunto, encontrarem soluções para o planeta a curto, médio e longo prazo. Certas políticas de comunicação não-verbal foram adotadas, já algum tempo, em determinados países como forma de politizar a cidadania e a civilidade. Exemplos disso são as rampas para deficientes físicos nas calçadas de cruzamentos de trânsito e os sinais sonoros para deficientes visuais nas travessias de semáforos, entre outros.

Nos países desenvolvidos, a prática da cidadania é adotada logo na primeira infância. Já nos países em desenvolvimento, algumas ações sociais se encarregam de explicar à sociedade os

papéis dos cidadãos e, com isso, estabelecem empatia com a coletividade. Respeitar o gramado de um jardim, não jogar lixo na rua, não roubar objetos alheios e respeitar as pessoas mais velhas, entre outros exemplos, são ações que fazem parte de uma educação de base, adotadas pelas famílias, escolas e outras instituições. Podemos interpretar que as ações como o **respeito**, a **paciência**, **tolerância**, **cooperação** e o **consenso** são as virtudes do século XXI, sem esquecermos as outras já consagradas virtudes.

Exercer a cidadania ou colocar em prática uma ou mais virtudes eleva a dignidade humana e o bem-estar social e, para tal exercício, a comunicação social verbal ou não-verbal, bem como os meios de comunicação de massa, são os instrumentos e os maiores aliados para se atingir esse objetivo. A mídia colabora na medida em que divulga campanhas de propagandas institucionais sem fins lucrativos e incentiva os cidadãos a colaborarem com o bem-estar social por meio de campanhas de vacinação e campanhas de conscientização sobre os problemas ambientais.

A televisão, por sua vez, outrora tão criticada pela desagregação da família e da sociedade por romper a moral e os bons costumes, hoje apresenta telenovelas brasileiras que abordam problemas e questionamentos de diferentes naturezas, despertando no telespectador uma reflexão para respostas e atitudes urgentes. Questões como preconceito racial, étnico e religioso, respeito e tratamento adequado aos deficientes visuais e físicos, às pes-

soas idosas e aos que sofrem de doenças degenerativas, aos dependentes químicos e aos homossexuais são assuntos tratados de forma sutilmente inteligente pela teledramaturgia brasileira.

Há, também, pessoas que agem espontaneamente pelo bem-estar dos outros como os voluntários que vão para ouvir e dar carinho aos pacientes de hospitais, levam palavras de esperança, de alegria ou como fazem os “doutores da alegria” que utilizam a comunicação verbal e não-verbal para amenizar o sofrimento de pacientes de doenças graves, muitas vezes em fase terminal, como o câncer e a Aids. Ultimamente, as empresas de água e luz também vêm cumprindo com a participação cidadã, anunciando junto às contas de água e luz fotos de crianças e adolescentes desaparecidos.

Ainda, por meio da comunicação verbal e não-verbal, têm surgido atitudes independentes como a do cidadão brasileiro, conhecido como T-Bone, que resolveu fazer das paradas de ônibus um local para leitura, emprestando livros em vários pontos de ônibus, com o intuito das pessoas lerem mais, sem custo nenhum para o leitor, tendo como responsabilidade deste apenas assinar seu nome em um papel, devolvendo os livros ao terminar a leitura. Um gesto que faz com que cada leitor tenha a consciência de devolver aquilo que lhe foi emprestado, dando oportunidade para que outros cidadãos possam adquirir o mesmo conhecimento de leitura, ao mesmo tempo em que reconhece esse gesto como exemplo de cidadania e civili-

dade que deverá ser exercido por todos que ali passarem.

“É evidente que a cidadania implica a participação de todos”, enfatiza Pernalette (2006, p.23), e essa participação coletiva é um grande passo para que sejam exercidos os Direitos Humanos e a Democracia. Do mesmo modo, as virtudes humanas podem somatizar ações humanas universais em direção aos Direitos Humanos que também são universais. Muitas ações humanas exigem desafios para que sejam encontradas: coragem, cooperação, generosidade, tolerância, consenso, entre outras tantas virtudes e motivos para se exercer a cidadania e os proclamados Direitos Humanos. “A democracia requer um povo maduro, os cidadãos, indispensáveis para exigir, propor, controlar, corrigir, desmentir, dialogar [...]”, menciona Pernalette (Ibid. p. 29, grifo da autora). Acrescenta a autora que

As organizações comunitárias contribuem para antecipar a realização de pequenos sonhos, combatem o anonimato social, reduzem os níveis de falta de identidade, comum nestes tempos globalizados, e constituem uma base sólida para se formar verdadeiras democracias participativas (PERNALETE, 2006, p. 24).

Paralelamente a esses esforços individuais e coletivos, muitos movimentos sociais vêm trabalhando, há bastante tempo, para o bem-estar social da coletividade. Os movimentos sociais são ações organizadas por atores ou sujeitos sociais com o intuito

de sistematizar melhor a sociedade. Gohn (2007, p. 16) compreende que “no novo milênio, os movimentos sociais estão retornando à cena e à mídia”. Como exemplos disso, Gohn cita: as lutas de defesa das culturas locais contra a devastadora globalização; a reivindicação ética na política; a busca de autonomia para a resolução de problemas, já que “ter autonomia é priorizar a cidadania” (Ibid., p.17).

Vários pensadores contemporâneos acreditam que, desde a última década do século XX, alguns movimentos sociais desenvolveram determinados conceitos e valores como forma de integrar a sociedade em um conjunto de ideais, ações e estratégias para uma maior mobilização social. Conceitos como **cidadania planetária**, **sustentabilidade democrática** e **participação cidadã** fazem parte de discussões entre grupos e instituições, além de serem divulgados pelos meios de comunicação de massa e pela Internet, reitera Gohn (Ibid., p.19).

Conclusão

Se na antiguidade a prática da cidadania se fazia de forma livre, espontânea e simples, hoje, em pleno Terceiro Milênio, o homem tem a seu dispor, além dessas mesmas práticas atemporais, outra aliada mundialmente conhecida, a Internet, como forma de exercer a tão dignificante cidadania. Entre algumas contribuições que a Internet vem prestando

a várias sociedades mundiais trocarem experiências de vida e ajuda mútua, além de ser um instrumento facilitador para o ensino a distância, auxiliando pacientes portadores de determinadas doenças a

Referências

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

BENNETT. W. J. *O livro das virtudes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

COVRE. M. L. M. *O que é cidadania*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizacional*. Vol. II. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.

GOHN. M. G. (org.). *Movimentos sociais no início do século XXI*. 3ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

MORIN. E. *O método 6: ética*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MONTES. A. C. “Política para quê?” in *La política es una cultura*. Zaragoza: Centro Pignatelli, 2001.

PERNALETE. L. C. *Democracia, participação, cidadania*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

SÊGA. C. M. P. “Ethos e globalização: uma visão publicitária” in *Revista Líbero No 18*. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2006.

DATA DO RECEBIMENTO: 20/02/2009

DATA DO ACEITE: 18/03/2009